N.º 1294 DOMINGO, 22 de Novembro de 1908 ANNO 21

O OVARENSE

Publicação semanal

Redacção, typographia, impressão e séde da administração—Rua da Graça, Ovar.

Director e Proprietario—Placido Augusto Veiga

Administrador: Antonio Augusto Ve

Typographia propriedade do «Ovarense»—Ru Graça, Ovar.

OS DISSIDENTES

—

Em réplica á «Epoca», que se referira a um hypothetico ministerio em que entrariam dissidentes escreveu o nosso illustre collega «Novidades», de Lisboa:

«E' possivel que o sr. Teixeira de Souza venha a apoiar esse ministerio em que entrem dissidentes. E até pelo que temos ouvido, não era geral a repugnancia de que esse apoio fosse dado, simultaneamente, aos dissidentes e ao chefe de um dos grandes partidos monarchicos, por expresso desejo d'este. Era a hypothese, que não esteve de todo longe, em que as *Novidades* e o *Dia* podiam juntar-se no apoio ao mesmo gabinete».

A declaração feita em nome do sr. Teixeira de Souza n'estes precisos termos é muito penhorante para os dissidentes, para os que tem uma significação politica assaz lisonjeira e como tal a registamos.

Mas essa *hypothese*, se alguem a formulou—(e o sr. Vilhena saberá alguma coisa a esse respeito?)—deve ser d'aquelles tempos em que ainda se não pensára... na degolação dos innocentes, o que equivale a dizermos, na *eliminação* dos extra-rotativos. Hoje, *felizmente para nós*, (diz o *Dia*,) as causas devem ter mudado. Reina no rotativismo a *harmonia* que todos vêem e elle ha-de ser quem salvará o Paiz, sem ajuda extranha e logo restabelecerá a paz nos espiritos. Esta *paz* que realisa a felecidade do Rei e do povo... com a libra a caminho dos seis mil reis, a *concentração* a metter agua por todos os lados e o partido regenerador a fazer-se em farélo nas mãos inhabeis do successor de Hintze Ribeiro!

El-Rei em Aveiro

—

E' na proxima sexta-feira, 27, que sua magestade El-rei D. Manoel II, visita a cidade de Aveiro, que se prepara para bem o receber, com galhardia, imponencia e brilho.

Sua Magestade deve chegar á estação pelas 9 e meia da manhã, indo alojar-se no palacete do sr. dr. Jayme Lima.

El-rei D. Manoel, depois do almoço, assistirá a um *Te-Deum* que se celebrará no formoso templo de Jesus, officiando de pontifical o sr. Bispo de Coimbra.

Pela uma hora da tarde dará um passeio pela ria, formando-lhe cortejo innumeros barcos de todos os typos, devidamente engalanados com bandeiras multicôres e tropheus. Haverá recepção nos paços do concelho e jantar de gala de mais de 100 talheres, no lyceu.

Pelas 9 horas da noite deve sua magestade estar n'um pavilhão levantado na Praça do Commercio, afim de presencear as illuminações do caes e um *bouquet* de milhares de foguetes que deve ser lançado no Rocio. Meia hora depois El-rei parte para a estação sendo acompanhado durante o trajecto por uma grandiosa marcha *aux flambeaux*.

Espera-se que de todo o districto irão a Aveiro representantes das camaras municipaes e juntas de parochia cumprimentar sua magestade.

As ruas principaes da cidade estarão lindamente ornamentadas e à noite haverá explendidas e brilhantes illuminações.

Entre as bandas militares que alli irão, dá-se como certo a da armada.

ROTATIVISMO!

—

A attitude das «Novidades»

Continua a causar a maior impressão no mundo politico a attitude desassombrada e clara que as *Novidades*, orgão do sr. Teixeira de Souza, adoptaram nos seus ultimos artigos, combatendo de frente e com o habitual brilho o derrancado *rotativismo*, que o sr. Julio de Vilhena pretendia restabelecer ao annunciar no *Diario Popular* o proximo regresso aos *alcatruzes historicos*.

D'esse artigo, que honra a penna brilhante do seu illustre director, transcrevemos estes elucidativos trechos:

«*Rotativismo* mais ou menos disfaçado, como durante alguns annos foi, ou *rotativismo* ás escancaras, como a *Epoca* apparenta pretender, tudo seria *rotativismo*. E o *rotativismo*, tão bem como nós o sabe o collega esclarecido com quem estamos palestrando, nem já pode ser para a politica portugueza aquella magica flor de Lothus, que floresce, n'um seculo, apenas uma vez;—esse termo de comparação ainda implicaria para os nossos bisnetos a desgraça da sua revivescencia! Não. O *rotativismo* não floresce mais. Seccou como a figueira de Judas ou os arbustos enfermiços crestados pelo vento do deserto. *Rotativismo* velho estylo, sob a mascara de um combate... simulado, ou *rotativissimo* arte-nova, sobre a planta forma de uma cooperação provisoria, como ponte de passagem para uma lucta de exterminio, *encarniçada e feroz*, (brarr!...);—seria o regresso aos tempos idos, com toda a metralhada dissolvente do poder pessoal do Rei, do açambarcamento das funcções de governo por dois partidos, do sacrificio dos elementos politicos extranhos ao conchavo, do desterro perpetuo, emfim, para as iniciativas alheias. Esse tempo passou, decididamente. Como bons christãos que sômos, poderemos levar a nossa piedade até a résa de um Padre Nosso pelo seu eterno repouso. Mas esperar da Providencia misericordiosa o extranho prodigio da sua ressurreição, assumiria fôros de blasphemia em que não desejamos incorrer, por motivos de varia ordem, sem exceptuar o do legitimo anhelo de que, ao menos, a alma se nos salve.

. . . . . .

Partidos, sim: «mas sejam quaes fôrem e quantos forem». Se, por infelicidade de todos, outra viesse a ser a orientação victoriosa: se o «rotativismo» pode se resuscitar como o Lazaro; se os homens publicos extranhos, hoje ou amanhã, ao partido regenerador e ao partido progressista, se convencessem de que só a osses dois pertenceria o poder, mercê do monopolio e não conquista de merecimento, a conclusão logica a extrahir de um tal phenomeno seria a de que as instituições indicavam a esses homens e caminho unico que elles, escorraçados deviam seguir: o campo inimigo, primeiro, e, talvez, a revolução a breve trecho como consequencia natural de sua revolta.»

Não se póde dizer mais e melhor, escrever com mais verdade, observar com mais acertado senso critico a marcha dos acontecimentos.

As *Novidades*, orgão do sr. Teixeira de Souza e dos seus valiosos amigos politicos, acabam de fazer uma declaração peremptoria de incompatibilidade com o *rotativismo*. Já este facto tem um grande alcance politico. Mas foram mais longe. Reconheceram que se as instituições monopolisassem o poder nos dois velhos partidos *rotativos*, excluindo d'elle todos os que tivessem merecimentos para exercel-o, ellas *«indicavam a esses homens o caminho unico que, elles, escorraçados, deviam seguir:* o campo inimigo, primeiro e talvez a revolução a breve trecho como consequencia natural da sua revolta».

A isto chama-se pôr a questão politica no seu verdadeiro campo, e nos seus logicos aspectos. Folgamos que assim o tenha escripto um jornal regenerador tão cathegorisado como as *Novidades*, e que é sempre, como ainda agora se declarou expressamente no primeiro d'estes dois notaveis artigos, fiel interprete da orientação politica do sr. conselheiro Teixeira de Souza.

Injustiça fariamos à lucida intelligencia do sr. Julio de Vilhena se nos não convencessemos que o nobre chefe regenerador verá bem o que tudo isto quer dizer e o que significa quanto ao *seu* sonhado ministerio *partidario*, que deve ter morrido como um pintainho dentro do ovo onde se chocava!

Declaração de guerra!

—

O partido regenerador contra o governo

O *Diario Popular* faz uma declaração de guerra em fórma ao governo da *concentração*, do qual fazem parte, *como representantes do partido regenerador* os srs. Wenceslau de Lima e Campos Henriques.

Do violentissimo artigo de fundo do illustre orgão officioso do partido regenerador e do sr. Julio de Vilhena transcrevemos estes trechos muito significativos e que como delicado mimo offerece aquelle jornal ao sr. ministro da fazenda:

«Não ha divergencias fundamentaes nem pelo que toca á gravidade da situação financeira, nem pelo que respeita ás providencias ineptas que se tem ultimamente adoptado, para acudir a essa situação, e que mais a têem aggravado. Está provado á sociedade que o actual governo possue, sob o ponto de vista financeiro, a mais rasa incompetencia para libertar o paiz das difficuldades que o assediam, ou, pelo menos, se o timoneiro das finanças é de facto dotado de tal competencia tão apregoada, não quer usar d'ella, *e prefere a isso envolver-se em expedientes administrativos, que, a um tempo originam conjecturas varias, a que não queremos dar realce, e augmentam o descredito contra Portugal.*

Pois, apesar d'isso, mantenha-se e conserve-se essa situação!

. . . . . .

«Mas o paiz corre imminente perigo, *porque está ameaçado até na propria independencia*, se não acodem energica e resolutamente á situação precaria das suas finanças! Que importa isso perante a satisfação de um capricho pessoal, a exhibição d'uma vaidade balofa ou o prurido de um snobismo tôlo?»

Isto dito pelo *Diario Popular*, orgão d'um dos grandes partidos *historicos*, d'uma das columnas do mi terio de *concentração*, t uma gravidade extrema deve produzir um enor effeito!

E tanto mais extraordi rio é que o «Diario Popul escreve hoje o que acaba ler-se, quanto é certo que 23 d'outubro, no mesmo gar d'aquelle jornal, es via o orgão do sr. Julio Vilhena:

«O partido regenerador representado no ministerio dois dos seus mais queridos prestigiosos marechaes, de c lealdade não duvidou nunca, a quaes nunca faltou a nossa co fiança. *Nenhum indicador exis te ainda de que a sua per manencia do poder podesse ser nocivo aos interesses superiores do paiz*, ou, n'uma escala de menor ponderação, prejudicial á vida partidaria. Elles são, pois, o documento vivo de que, pela nossa parte, a concentração subsiste com o significado patriotico qua se pretendeu dar-lhe quando se formou e para o fim com que foi promovida.

. . . . . .

Mas quando terá razão o illustre orgão officioso do partido regenerador? Quando ha trez semanas dizia, visando alguns dos seus eminentes correligionarios, estas extranhas causas:

«Se outros pediram outra coisa, se foram illudidos nos seus planos ou prejudicados nos seus interesses, isso constitue casos particulares da politica *a que são indifferentes os partidos mesmos a que pertençam*».

ou agora quando declarando a *propria indepndencia do paiz*, grita contra a incompetencia financeira do mesmo governo, *onde continua representado*?

Ora, chucha, que é canna dôce!

Realisa-se no dia 13 de Dezembro na Egreja matriz a festividade de Santa Luzia, constando de missa solemne o sermão, com arraial de tarde. Tanto na missa como no arraial far-se-ha ouvir a musica «Ovarense».

AGRADECIMENTO

Francisco Fernandes Souza Villas e familia, vêm penhorados e muito agradecidos patentear o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que lhes enviaram pesames pela irreparavel perda, de sua chorada irmã, como tambem áquelles que prestaram o caridoso obsequio de acompanhar o seu enterro, e assistiram á missa do 7.º dia.

Ovar, 20—11—908.

RISCOS

CATURRAS...

—*—

—Deixe lá, visinho! não apoquente! Isto de nomes oisa que não quer dizer da.

Conhece ali o Antonio rtal, que mora na beira estrada nova? Pois olhe elle de mortal não tem da; é até vivo de mais. ro é o serão onde elle não contas de cabeça, que mpre lhe dão que intender.

—Perfeitamente. E na li- aquillo anda sempre ma dobadoira.

—E' verdade, não socega momento. Ali chegou de- mbaraço! Dá gosto vêr co- o homem desvira ahi n'um ompto uma leira de mat- com o debaixo para riba.

—Isso é que dá! Eu até lhe tenho dito: «O' Anto- nio, quem te pôz o nome de mortal está no inferno a arder em corpo e alma». E elle a rir responde, que isto de nomes nada quer dizer...

—E' da minha aquella.

—Mas...

—Não me venha cá com cantigas.

Outro: ali o José Fervu- ras... ahi está um nome muito mal votado em tal su- jeito.

—Isso é verdade...

—Aquillo é um bonacheirão, que não encommoda uma mosca! Está para ali sem apoquentações nem re- lações.

Tanto se lhe dá como se lhe deu, com a sua vida. E, no entanto, é fervuras até esticar a bota! Muito, talvez?

—Não...

—Claro. Mais: O ti Francisco, aquelle ricaço que mora ali no Rebollo entre os dois caminhos que, unindo-se mesmo em frente ao seu sobrado vão dar à feira dos treze, é um dos melhores lavradores do concelho. E' verdade. Encelleira annualmente dois moios de trigo e para cima de dez carros de milho. No tarro de seu eido são ordenhadas todos os dias doze vaccas e um rebanho de lanigeros de sessenta cabeças. Vende Sempre para a remonta bons cavallos de marca; e os melhores cevados, que mettem as feiras de novembro do concelho todo, são da engorda do ti Francisco.

—N'isso tem elle grande brio... e ufana-se até de elle proprio os conduzir lá no carro de sebes altas, tirado por uma junta de bois que são isto: parelhos, bem tirados dos canelos e amarellos como libras inglezas. E' verdade o que diz, que eu bem o tenho visto.

—Sim, senhor. Tem seis creados que não teem mãos a medir com os affazeres da sua grande abegoaria; já quando é tempo de semear com o amanho das suas terras, quer na epoca de colher hortaliças e legumes com que às carradas abastece a praça ou no estio, em que enche de louras messes as suas tulhas. Aquillo é um lavrador em modo. E por você saber como lhe chamam, que é onde eu quero chegar?

—Todos o sabem: é o moleiro.

—Ah! ahi tem! é o Moleiro sem pescar patavina de maquias e moendas! Ora agora tambem que pode ter lá o chamarem-lhe a você o maluco? sim?

—O' visinho! pelo amor de Deus!

Então acha que é bem? um homem de juizo? Maluco?!...

—Ahi volta você outra vez! Os nomes está visto e revisto que nada querem dizer!

—Ora! não diga isso!... Então, suponha que quando eu passo, alguem se lembra de dizer: «ahi vai o Maluco!» O' visinho! um homem de juizo?!...

E' risada pela certa!

—Mas ahi está! é por essas e por outras que já ninguem se fia em nomes!

ALCINDA.

ANALYSES

—*—

A academia de Coimbra está hoje dividida politicamente em trez facções: *centro academico republicano*; *centro monarchico*; *centro academico catholico democratico*.

Assim separada por divergencia de ideias, os estudantes da Universidade tornaram-se verdadeiramente incompativeis uns com os outros.

Nos mais insignificantes actos elles manifestam essa incompatibilidade, da qual resulta para a academia uma anniquilação de forças que podiam ser uteis, mas que se conservam n'um perfeito estado de inercia.

Esta divergencia de opiniões, provocada pelo celebre conflicto academico, por essa *grève* que veio arrastar pela lama uma academia de tão nobres tradições, prolongar-se-ha talvez emquanto existirem na actual geração academica, os elementos que tomaram parte activa n'esse conflicto.

Poder-se-ia admittir, e admitte-se mesmo, no seio d'uma academia, opiniões diversas, pois nem todos são obrigados a professar os mesmos ideaes.

Mas a academia de Coimbra, separada por motivos de natureza particular e só para satisfazer paixões, tornou-se de tal modo antipathica que no conceito publico já não logra readquirir a consideção que tanto nome lhe fez.

Os estudantes republicanos, radicaes nos seus principios ao ponto de não quererem admittir outros differentes, formam uma classe á parte, completamente divorciada da restante academia.

Elles julgam-se os superiores, a intellectualidade que pensa e por quem o paiz espera anciosamente n'um futuro que, segundo elles, já não vem longe.

Os restantes estudantes para elles são a inutilidade completa, uns retrogrados que já ninguem lhes póde dar o direito de manifestar uma ideia.

Assim pensam os estudantes republicanos da Universidade.

Por seu lado os estudantes monarchicos, por muito tempo sem se manifestarem, resolveram agora fundar um *centro monarchico*, que conta um numero já avultado de socios.

Qual será o resultado d'esta divergencia profunda, cavada na academia de Coimbra? Terá influencia na politica portugueza? Parece-nos que não.

Vasco Rocha.

PEROLAS

PAE

Em dia d'annos

Poesia recitada na noite de 24 para 25 de Outubro de 1908

I

Para fallar de ti, do teu Amor,
De tudo o que do bêrço nos tens dito
E do que desde então por nós fizeste,
Seria preciso ir pelo infinito
Buscando Anthero, o Nobre ou o Garrett.

Só um'alma de luz, alma d'artista
Como a d'esses benditos inspirados,
Te poderia dizer quanto sentimos
Em nossa alma, perante Vós curvados.

No entanto, embora eu seja um vate obscuro
Quasi extranho ao templo da Poesia
Onde se adora a Luz, o Amor e o Bem,
P'ra ti fiz estes versos, n'este dia,
Por mim, por meus irmãos, por nossa Mãe.

II

Bemdito sêja a luz que t'ilumina
Essa fronte d'austero luctador,
Onde eu leio o Poema luminôso
Da Familia e do Lar—A luz do Amor!

Amor! Amor do Lar! Bemdita estrophe
Que nos tens ensinado a decorar
Para que nós sigamos vida fóra,
Olhando sempre a luz, a luz qu'enflora
O nosso Lar.

O teu exemplo (em vosso nome Irmãos,
Permitti que por vós eu falle e diga:)
Has-de vê-lo, meu Pae, perpêtuar
Como a luz que da treva nos abriga.

Creio ser esta a gloria a que aspiráes,
Unica recompensa que exigis:
—Que nós sigamos pela vida fóra
P'lo caminho do Bem que Vós seguis.

E por isso deixae que eu vos repita:
—Bemdita sêja a luz que T'ilumina
Essa fronte d'austero luctador,
Onde eu lei o Poema luminoso
Da Familia e do Lar—A luz do Amor!

* * *

Bemdita sêja a luz que aquéce e doira
Este Templo sagrado—o nosso Lar,
Onde toda esta gente amiga e boa
Comnôsco vem para te f'licitar!

Coimbra, Outubro de 1908.

Fernandes d'Almeida

Homenagem a Pinheiro Chagas

—*—

Na semana passada foi em Lisboa, na Avenida da Liberdade, descerrado o monumento ao grande escriptor Manoel Pinheiro Chagas,—monumento levado a cabo por subscripção publica aberta em Portugal e Brazil pelo nosso collega *Mala da Europa*.

O acto da mauguração realizou-se pelas 9 horas da manhã do dia 13, descerrando a bandeira nacional que envolvia o monumento, o sr. conde de Figueiró, que representava El-Rei e a Rainha Senhora D. Amelia, e a sr.ª D. Valentina Pinheiro Chegas, por parte da famil a do grande escriptor.

Em seguida ao descerramento todos se descobriram, usando da palavra varios oradores.

—

Um discurso de Pinheiro Chagas

Damos em seguida um trecho do magistral discurso pronunciado por Pinheiro Chagas na sessão solemne da Associação Commercial do Porto em 3 de março de 1893, por occasião das festas do centenario do infante D. Henrique. E' uma das mais formosas peças oratorias de Pinheiro Chagas, e muito sentimos que a falta de espaço nos não permitta dal-o na intregra:

«O centenario de Camões celebrava-se quando o calor do sol já devorára nos campos a verdura. Havia a resurreição da patria, mas resurreição de Lazaro que se senta ao banquete dos vivos, com a lividez sepulchral no rosto, e arrastando a mortalha. O centenario do infante celebra-se quando vem a nascer a primavera, e quando apontam por toda a parte, como a esperança, as primeiras flôres do anno; a patria não é Lazaro que resuscita pallido e triste, é o paralytico que move emfim, alegre e radiante. Então era o sol que expirava n'um crepusculo ardente, hoje é o sol que irrompe n'um mesmo alvorecer.

Não se falava então senão em tumulos; é do berço que hoje se fala. E' Natal! Natal! que se exclama como nas alegres datas da idade média, e, para que tudo seja aurora, até ha pouco quando se deseurolou pelas ruas da cidade banhadas de sol o magnifico corte o civico, quem verdadeiramente presidiu á festa fôram essas règias creanças de ideal gentileza, sobre as quaes se debruçava, radiante de mocidade e de formosura, bella e sublime como a estatua da patria, como o angelico vulto ideal de mãe, a gentilissima rainha, que parecia repetir-lhes com o seu conselho, com o seu exemplo e com o alto exemplo do seu esposo, que parecia repetir-lhes, na sua lingua materna, a divisa inolvidavel do principe: *Talent de bien faire!*

O que tem de bello e de sublime para nós esta epocha, que evocamos ao evocarmos no seu berço o vulto do grande principe é que foi exactamente a epoca radiante da mocidade do nosso paiz. Não uma mociedade banal como póde ser a de qualquer povo, mas uma mocidade perfeita, completa, forte, radiosa, bella, hellenica, por assim dizermos, personalisavel n'uma divindade como Apollo, toda luminosa como um deus solar, toda harmonia e poesia como choregio das musas, toda a força e coragem como divindade vencedora dos monstros, toda esculptural, belleza como immortal inspiradora que foi da divina estatuaria grega.

Essa epocha tem duas gerações que a caracterisam: uma que encerra o passado que põe o sêllo definitivo na nossa nacionalidade, que affirma e completa e tem por figuras predominantes D. João I e Nuno Alvares. A outra abre o futuro, inicia a missão para a qual se esteve preparando, durante vinte annos de lucta, a raça portugueza e tem predominantes figuras D. Henrique e D. Pedro.

Uma epoca assim corresponde na vida das nações aquelle decennio que vae na vida dos homens dos vinte aos trinta annos. A sua primeira metade principia nas fronteiras da adolescencia, termina na affirmação da maioridade plena e forte; a segunda emprega-se no uso das faculdades que se adquirem, no inicio da carreira que se segue, e termina nas fronteiras da idade viril.

A primeira ganha, adquire, assimila e absorve todas as forças que pódem completar e robustecer a vida; a segunda dispende sem perder nada ainda, porque as forças que emprega vêem da exuberancia da vida e são as que a Providencia destinou á expansão. Na primeira parte Portugal conquistou-se a si proprio, na segunda principiou a conquistar o universo.

Na vida eternamente se misturam e completam, para se effectuarem as grandes cousas, o elemento ideal e o elemento real e pratico. Assim na primeira parte d'esse periodo da nossa juventude nacional e Nuno Alvares o Sonhador do impossivel, o creador do milagre, o mystico amante da ideal cavallaria, o homem que tem a fé e com a fé a audacia, que arrasta os povos e consegue as extraordinarias victorias, D. João I a figura séria e pensativa e forte, que tem no se irmão de armas confiança absoluta, mas que tambem sabe traduzir na prosa de D. João das Regras a poesia cavalheiresca das epopêas do Condestavel. E assim na segunda parte é D. Pedro, o philosopho, o estadista, que elabora nas Ordenações o codigo, que será a lei organica da sociedade portugueza reconstituida e refundida nos moldes do seculo XV, e D. Henrique, o solitario sonhador que que quasi se suspende sobre o mar como os santos das legendas mysticas, ao enlevar-se em Sagres no arroubo ineffavel da contemplação dos horisontes, o monge militar que faz dos seus cavalleiros de Christo os templari s do oceano, o mystico amante da Immensidade.

(Conclue no proximo n.º)

Noticiario

Apontamentos de carteira

De visita á familia do nosso amigo sr. José Antonio Soares Valente, esteve n'esta villa acompanhada de seu marido e cunhada, a ex.ma sr.ª D. Maria dos Anjos Esteves. Sua ex.ª que foi ama de leite e aia do joven Rei D. Manoel II, veio da cidade do Porto, onde esteve alguns dias de visita ao Monarcha e a sua augusta Mãe

Regressaram já á sua casa de S. João da Pesqueira.

As suas ex.as agradecemos penhorados a amavel visita que se nos dignaram fazer.

—

Pssou no dia 14 do mez corrente o anniversario natalicio da dedicada esposa do sr. João Dias da Silva, presada irmã dos nossos amigos srs. drs. Alberto d'Oliveira e Cunha, digno abbade d'esta freguezia e Joaquim José d'Oliveira e Cunha, abbade da Sé do Porto. Felicitações.

—

Tambem passou no dia 15 do corrente mez, completando 20 risonhas primaveras, a Ex.ma Snr.ª D. Generosa Adelaide de Souza, estremecida filha do nosso dedicado amigo Snr. Carlos Augusto de Souza, digno socio da fabrica de conservas alimenticias *A Varina*.

A' sympathica senhora e á toda a sua dedicada familia, as nossas felicitações por tão faustuoso anniversario.

—

Da praia do Furadouro regressaram já aos seus respectivos lares, com suas familias, os srs. José d'Oliveira Picado, Manoel S. Lopes, Joaquim Pereira, Antonio Maria Bastos, Francisco Marques, da Silva e Costa, Albino da Silva Tavares, Joaquim de Mattos e Silva Junior, Antonio Duarte Pereira do Amaral Junior, Domingos Pereira Tavares e Antonio Lopes Fidalgo.

—

Foi pedida em casamento, pelo sr. dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, para o nosso conterraneo e amigo sr. Antonio Valente Compadre, bemquisto recebedor d'esta comarca, a ex.ma sr.ª D. Maria Araujo d'Oliveira Cardozo, sympathica filha da sr.ª D. Maria Araujo d'Oliveira Cardoso e do saudoso dr. Anthero Cardoso Baldaia

Pelos dotes que exornam os sympthicos nubentes, é um enlace auspiciosissimo.

—

A ex.ma sr.ª D. Mecia Gomes Pinto dedicada esposa do sr. Anselmo Correia, residentes em Ca-

bo Verde, deu ali no dia 28 do mez d'outubro findo, à luz, com feliz successo, um galante menino que é o enlevo dos paes.

Ao avô do recemnascido, nosso amigo sr. José Maria Gomes Pinto, bemquisto ourives d'esta villa, os nossos parabens.

Te Deum

Na manhã de segunda feira, na nossa egreja parochial, realisou-se um *Te-Deum* em acção de graças pelo 19 anniversario natalicio do joven Rei D. Manoel II.

Durante todo o dia os sinos repicaram festivamente de trez em trez horas.

Colhido pelo comboyo

Ha dias, na passagem da linha da S. Miguel d'esta villa, foi colhido pelo rapido descendente das 5.45 horas da tarde, um boi que n'essa occasião atravessava a passagem do nivel. O desastre deu-se em virtude das cancellas se acharem abertas á passagem do comboio.

O boi pertencia a um lavrador da freguezia de S. Vicente de Pereira.

Visita do rei a Aveiro

No dia 27 do corrente, dia em que el-rei visita Aveiro, haverá um comboio especial, partindo d'Aveiro depois do que d'ali sae ás 10 e 23 da noite, para dar logar aos passageiros do norte poderem assistir ás illuminações e fogos d'artificio que se realisam. Tambem haverá bilhetes especiaes de ida e volta por preços reduzidos em 1.ª e 2.ª classes, das estações desde Coimbra a Figueira até Aveiro, validos na ida nos dias 26 e 27 e na volta 27 e 28.

Theatro

Está annunciado para hoje á noite, no nosso theatro, uma extraordinaria recita promovida pelo actor aveirense J. Paulo. O programma é attrahente e variadissimo.

As peças a representar são:

A engraçada comedia em 1 acto—«Amor por annexins».

O chistoso appropposito comico-lyrico dramatico em 1 acto—«Os sinos de Corneville em casa».

A applaudida comedia em 1 acto ornada de musica,—«Uma experiencia».

E varias cançonetas.

Os preços e horas do costume

E' um espectaculo muito attrahente.

Agua Minero-Medicinal

Esta agua minero-medicinal do Barreiro (Beira Alta) é a unica efficaz para a cura radical da Anemia.

Afigura-se-nos muitas vezes que não existem remedios para combater com exito seguro certas e determinadas doenças e, no emtanto, a outros mais felizes do que nós é dado gosar dos seus beneficios resultados por terem a dita de saberem onde encontral-os. Era o que até aqui acontecia com a «Anemia,» essa precursora da terrivel tuberculose. Toda a gente suppunha que não havia medicamento algum natural para a curar, mas quiz o acaso e—felizmente para bem da humanidade em geral—que se descobrisse o local onde jazia esse precioso thesouro que desde tempos immemoriaes apenas foi facultado pela natureza aos afortunados habitantes da provincia da Beira Alta. Esse thesouro, a que ali dão o nome de «Agua Ferrea do Barreiro,» é representado por uma nascente que brota nas faldas da Serrra do Caramulo e cuja agua tem operado curas verdadeiramente maravilhosas.

Mas é só para exterminar ou evitar a «Anemia» que se deve recorrer á «Agua do Barreiro?» E' esse o seu unico predicado?

De certo que não, pois para o «Bello Sexo» possue ella outro que muito particularmente o interessa e que é o de ter o raro condão de ser infallivel reguladora das «Funcções delicadas das Senhoras durante o periodo catamenial.»

Deposito em Ovar, Silva Cerveira, Praça.

Os automoveis

Foi derterminado, por portaria que foi publicada no *Diario do Governo*, que os typos de signaes acusticos usados pelos automoveis possam apenas ser o timbre electrico e a trompa, ficando expressamente prohibido no interior das cidades ou villas, tanto de dia como de noite, o emprego de signaes dados por apparelhos de silvo estridente denominados «sirenes» e outros analogos, ou d'aquelles cujo som se assemelha ao dois apitos usados pelos corpos da policia ou das cornetas de alarme empregadas pelo pessoal dos serviços de incendio.

A mesma postura fixa em dez kilometros á hora dentro das povoações e em trinta fóra d'ellas o maximo da velocidade, que normalmente não deverá excedido pelos automoveis, tendo em attenção que estas velocidades devem ser diminuidas em circumstancias especiaes, sempre que a circulação o exija, principalmente nos fortes declives, nos cruzamentos das estradas e ruas e nas curvas apertadas.

Barco voltado

Na costa de S. Jacintho, n'um dia da semana passada voltou-se um barco de pesca tripulado por 40 homens. Foi uma enorme vaga que o voltou, salvando-se a custo todos os tripulantes, chegando alguns a terra bastantes maguados. O barco de pesca pertencia á empreza Rocha e C.ª d'Aveiro.

O mar em Espinho

Continua em Espinho o mar na sua acção destruidora, sendo os ultimos estragos avultadissimos.

Na costa Nova

No sabbado da outra semana houveram na costa Nova lanços de 2:000$000 reis de sardinha d'um tamanho enorme.

Tanta abundancia por lá e por cá... mar agitado.

«Philarmonico Portuguez»

Temos sob a nossa banca de trabalho mais um numero d'esta bella e util publicação de musicas originaes e faceis em partitura proprias para bandas marciaes.

O numero presente é o n.º 4 da serie 37, correspondente a 10 de novembro. Traz publicado um mavioso passo dobrado, de A. R. Couto, intitulado O Eleitor.

Com este numero entra o nosso collega em mais um novo anno de existencia, cheio de fadigas e canceiras dispendidas heroicamente em prol da divina Arte de Mozart.

Agradecendo o exemplar recebido saudamos o nosso collega pelo seu anniversario.

«O Aveirense»

Este nosso esclarecido collega, d'Aveiro completou um anno d'existencia, pelo que lhe damos as nossos felicitações.

Tarifa camararia

Trigo.....	(20 litros	1$100
Milho branco	»	780
Dito amarello	»	720
Centeio	»	800
Cevada	»	700
Feijão branco	»	1$200
Dito vermelho	»	1$250
Dito rajado	»	960
Dito amarello	»	960
Aveia	»	500
Painço	»	600
Vinho grosso, cada litro.....		40
Azeite » »		320
Manteiga, kilo.....		900
Vacca »		240
Linho »		520
Batata 15 kilos		300
Ovos, cada cento		1$200
Gallinha		600
Faango		300
Cera		900

ANNUNCIOS

EDITOS 30 DIAS

2.ª publicação

No Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Zagallo de Lima correm editos de 30 dias, contados da ultima publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando Antonio Marques da Silva e Manoel Duarte de Rezende, ambos casados, de Guilhovae d'Ovar, mas ausentes em parte incerta do Brazil, e Manoel Pereira Marques, casado, d'Assões d'Ovar, mas ausente em parte incerta da Cidade de Lisboa, para na segunda audiencia do dito Juizo posterior ao praso dos editos, verem accusar as citações e seguirem os termos até final da acção com processo ordinario que contra elles, suas mulheres e outros, move Antonio da Silva Marques, casado, lavrador, da Ribeira d'Ovar; na qual allega: que os reus maridos de n.os 1 a 27 inclusivé (entre as quaes se comprehende o primeiro citando) no interesse commum do seu casal outorgaram a escriptura publica de 18 de fevereiro de 1904, que por certidão se junta, e são os proprios que no mesmo documento figuravam com os nomes respectivos; que os reus maridos n.os 30 a 33 inclusivé se obrigaram ao estipulado na mesma escriptura por documento particular de 1 de novembro de 1905, que se junta tambem; que os reus maridos n.os 34 a 36 inclusivé se obrigaram ao estipulado na mesma escriptura por documento particular de 5 de maio de 1907, documento junto: que os reus maridos n.os 37 a 41 (entre os quaes se comprehende o segundo citando) se obrigaram ao estipulado na mesma escriptura por documento particular de 20 de março de 1904, documento junto; que os reus maridos n.os 42 a 44 inclusivé, (entre os quaes se comprehende o terceiro citando) se obrigaram ao estipulado na mesma escriptura por documento particular de 19 de maio de 1907, documento junto; que os reus Anna Pereira e Manoel Tavares de Mattos e mulher hoje fazem parte da sociedade nos termos da condicção setima da escriptura referida, visto haverem dado parte de quererem continuar como representantes de seu marido pae e sogro o outorgante Antonio Joaquim Tavares de Mattos, fallecido, sendo por elles já divididos outros prejuizos havidos na sociedade e está nas mesmas condicções a ré Thereza de Pinho, por si e como representante de seu fallecido marido Antonio Rodrigues Zis; que nos termos da condicção primeira da escriptura já citada de 18 de fevereiro de 1904 os outorgantes ora reus bem como os associados por titulos e os representantes dos primitivos outorgantes, se constituiram na obrigação de, quando morresse vacca pertencente a qualquer dos interessados, comprar-lhe á sua custa outra rez de valor equivalente á que tiver morrido e que para esse effeito o outorgante dono da rez chamará dois dos membros da commissão para com elle fazerem a compra, ou então todos os outorgantes se obrigaram a dar ao dono da rez morta a quantia que ella valia para elle só fazer a compra, e mais 2:400 reis; que o auctor tinha uma vacca de leite que morreu em consequencia d'um parto em 27 d'abril do corrente anno; que o auctor compriu quer antes da morte da vacca quer depois com as condicções que a citada escriptura lhe impunha e tanto assim que a commissão começou a fazer o rateio e algum dinheiro quiz receber para indemnisar o auctor do prejuizo articulado, levantando-se apenas duvida sobre o preço da indemnisação, pondo-se completamente de parte a entregar d'outra rez ao auctor; que a a vaca pertencente ao auctor, que morreu, valia reis 100$800, preço que a commissão se recuza a pagar; que nos termos da condicção primeira o auctor tem de receber como indemnisação não só os 100$800 reis preço da vacca, como ainda a quantia de 2$400 reis sendo o total 103$200 reis; e assim dos reus tem de receber o total reduzida a quota parte que ao auctor compete pagar como outorgante do contracto estipulado pela articulada escriptura; que o auctor ainda não foi indemnisado do prejuizo soffrido e articulado, nem o pagamento d'esse prejuizo se prezume; que o contracto da escriptura articulada foi celebrado em beneficio do casal dos reus; que auctor e reus são os proprios em juizo e partes legitimas na acção. E conclue por pedir que os reus sejam condemnados a pagar ao auctor a parte que em liquidação e partilha conforme a escriptura de 18 de fevereiro de 1904, proporcionalmente lhes competir nos 103$200 reis, depois de abatida a quota do auctor, ficando sómente a cargo dos reus as custas sellos e procuradoria, deixando-se salvo ao auctor o direito de exigir indemnisação dos prejuizos causados e que venham a causar-lhe. As audiencias no Juizo fazem-se as segundas e quintas feiras de cada semana não sendo dias sanctificados, porque sendo o fazem-se nos dias immediatos, se não forem tambem sanctificados ou feriados, e sempre no tribunal judicial, sito na Praça d'Ovar, pelas 10 horas da manhã.

Ovar, 28 d'agosto de 1908

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O Escrivão

Angelo Zagallo de Lima.

ARREMATAÇÃO

2.ª publicação

No domingo 6 de Dezembro proximo, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca e no inventario orphanologico por obito de Francisco Correia, viuvo que foi morador na Ribeira d'Ovar, em que é cabeça de casal Joaquim Ferreira Valente, casado, lavrador, d'ahiha-de ser posto em praça para ser arrematado por preço superior áquelle em que vae á praça, o predio seguinte:

Uma morada de casas terreas com quintal, poço e mais pertenças, allodial, sita na rua da Ribeira d'Ovar avaliada em tresentos e dois mil reis, mas vae á praça em 150$000 reis.

As despezas da praça e de toda a contribuição de registo são por conta do arrematante.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 7 de Novembro de 1908

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

O Escrivão

Angelo Zagallo de Lima.

ARREMATAÇÃO

2.ª publicação

No dia 6 de Dezembro proximo, pelas 10 horas da manhã e á porta do tribunal judicial d'esta comarca, n'acção executiva por fóros que D. Maria d'Amorim Moreira Ramos, viuva, do logar da Egreja, freguezia de Guetim, concelho de Gaya, como representante de seu filho menor Adelino, move contra Francisco de Sá Mourão e mulher Anna Rosa Alves d'Oliveira, do Monte de Cortegaça, se ha-de por em praça para ser arrematado e entregar a quem mais offerecer sobre a avaliação: uma leira de terra lavradia, denominada o Monte, situado n'este logar, freguezia de Cortegaça. foreiro ao dito menor Adelino, a quem paga annualmente 113 litros de milho (6 e meio alqueires d'antiga medida) tem laudemio de vinte um e foi avaliado em 195:000 reis.

N'este predio existem umas casas que foram avaliadas em 98:000 reis, achando-se valor envolvido n'aquelle, visto as mesmas casas se acham comprehendidas nas confrontações da terra mencionada, sendo, por isso, o valor d'esta, com os encargos abatidos, de 97$000 reis. Para a arrematação são por este citados quaesquer credores incertos.